

# 1 Introdução: significado e referência

## Sinopse

Que certos tipos de marcas e ruídos são dotados de *significado*, e que seres humanos como nós os apreendem sem mesmo pensar sobre isso, são factos notáveis. Uma teoria filosófica do significado deve explicar o que é isso de uma sequência de marcas ou ruídos ser dotada de significado e, mais em particular, o que é isso em virtude do qual a sequência tem o significado distinto que tem. A teoria deve também explicar como é possível que os seres humanos produzam e compreendam elocuições dotadas de significado, fazendo-o sem qualquer esforço.

Uma ideia comum sobre o significado é que as palavras e outras expressões linguísticas mais complexas são dotadas de significado porque representam coisas no mundo. Apesar de sensata e à primeira vista atraente, mostra-se muito facilmente que esta teoria referencial do significado é inadequada. Para começar, comparativamente poucas palavras representam efectivamente coisas no mundo. E depois, se todas as palavras fossem como os nomes próprios, servindo apenas para seleccionar coisas individuais, não conseguiríamos começar por formar frases gramaticais.

## Sentido e compreensão

Muitas pessoas não sabem que, em 1931, Adolf Hitler foi aos EUA, visitou vários pontos de interesse, teve em Keokuk, Iowa, um caso amoroso com uma senhora de nome Maxine, experimentou *peyote* (o que o fez ter alucinações com hordas de rãs e sapos que calçavam botinhas vermelhas e cantavam o *Horst Wessel Lied*), infiltrou-se numa fábrica de munições perto de Detroit, encontrou-se secretamente com o vice-presidente Curtis para tratar de futuros compromissos comerciais relativos às peles de foca e inventou o abre-latas eléctrico.

Há uma boa razão para não haver muitas pessoas que saibam de tudo isso: nenhuma daquelas coisas é verdade. Mas o que há de notável é que agora mesmo, à medida que lia essa frase — chamemos-lhe frase 1 —, o leitor *compreendeu-a* perfeitamente, independentemente de estar disposto a aceitá-la ou não, e fê-lo sem qualquer esforço consciente.

Notável, afirmei. Provavelmente não lhe parece notável nem surpreendente, mesmo depois de se ter dado conta do facto. O leitor está tão habituado a ler palavras e frases e a compreendê-las imediatamente que lhe parece quase tão natural quanto respirar ou comer ou caminhar. Mas como compreendeu o leitor a frase 1? Não foi por tê-la visto antes; estou certo que nunca na história do universo alguém escreveu ou proferiu aquela frase particular, até eu o ter feito. Nem a compreendeu o leitor por ter visto outra frase muito semelhante, pois duvido que alguém tenha alguma vez produzido uma frase remotamente parecida a 1.

Poderá o leitor dizer que compreendeu 1 porque fala português e porque 1 é uma frase portuguesa. Isso é em certa medida verdade, mas limita-se a empurrar o mistério um pouco mais para

a frente. Como consegue o leitor “falar português,” dado que falar português envolve conseguir produzir e compreender não apenas expressões elementares como “Tenho sede,” “Cala a boca” e “Mais molho,” mas frases novas como 1? Essa capacidade é *verdadeiramente espantosa*, e muito mais difícil de explicar do que a capacidade para respirar, comer ou caminhar, que os fisiólogos compreendem já razoavelmente bem.

Uma pista é perfeitamente óbvia depois de alguma reflexão: 1 é uma sequência de palavras, palavras portuguesas, que o leitor compreende individualmente. Assim, parece que o leitor compreende 1 porque compreende as palavras que ocorrem em 1 e compreende algo sobre o modo como essas palavras estão agregadas entre si. Como veremos, esse é um facto importante, mas para já é apenas sugestivo.

Falámos até agora da capacidade humana para produzir e compreender o discurso. Mas considere-se as próprias expressões linguísticas, enquanto objectos de estudo por si mesmas.

- 2) w gfjsdkhj jjobfglgf ud
- 3) É perigoso espalhar gasolina pela sua sala de estar.
- 4) Bom de fora pedante o um um porquê.

1-4 são todas sequências de marcas (ou de ruídos, se forem ditas em voz alta). Mas diferem radicalmente entre si: 1 e 3 são frases dotadas de significado, ao passo que 2 e 4 não dizem coisa com coisa. 4 difere de 2 por conter palavras portuguesas individualmente dotadas de significado, mas as palavras não estão ligadas de modo a constituir uma frase, e colectivamente nada significam.

Certas sequências de ruídos ou marcas têm então uma característica simultaneamente de natureza escassa e que precisa urgentemente de explicação: *significam algo*. E cada uma destas sequências tem a propriedade mais específica de significar algo em particular. Por exemplo, 3 significa que é perigoso espalhar gasolina pela sua sala de estar.

Assim, o nosso estudo filosófico da linguagem começa com os dados seguintes:

- Algumas sequências de marcas ou ruídos são *frases dotadas de significado*.
- Cada frase dotada de significado tem partes que também são dotadas de significado.
- Cada frase dotada de significado significa algo em particular.
- Os falantes competentes de uma linguagem têm a capacidade de compreender muitas das frases da linguagem em causa, sem esforço e quase instantaneamente; e produzem também frases do mesmo modo.

Todos estes dados precisam de explicação. Uma sequência de marcas ou ruídos é dotada de significado em virtude do quê? O que é isso em virtude do qual uma sequência significa o que distintamente significa? E, uma vez mais, como conseguem os seres humanos compreender e produzir um discurso apropriadamente dotado de significado?

## A teoria referencial

Há uma explicação atraente e de senso comum de todos os factos anteriores — tão atraente que as pessoas, na sua maior parte, pensam nela quando têm por volta de dez ou onze anos. A ideia é que as expressões linguísticas têm os significados que têm porque *representam coisas*; o que significam é o que representam. Deste ponto de vista, as palavras são como etiquetas; são símbolos que representam, designam, nomeiam, denotam ou referem itens no mundo: o nome “Adolf Hitler” denota (a pessoa) Hitler; o nome “cão” refere cães, tal como a palavra francesa “*chien*” e a alemã “*Hund*.” A frase “O gato sentou-se no tapete” representa o sentar-se de um dado gato num dado tapete, presumivelmente em virtude de “o gato” designar esse gato, “tapete” designar o tapete em questão e “sentou-se no” denotar (se quisermos) a relação de se sentar. As frases espelham assim os estados de coisas que descrevem, e é desse modo que significam essas coisas. Na sua maior parte, é claro, as palavras estão *arbitrariamente* associadas às coisas que referem; alguém decidiu simplesmente que Hitler se chamaria “Adolf,” e a inscrição, ou som, “cão” poderia ter sido usada para significar qualquer coisa.

Esta teoria referencial do significado linguístico explicaria o significado de todas as expressões em termos de terem sido convencionalmente associadas a coisas ou estados de coisas do mundo, e explicaria a compreensão que um ser humano tem de uma frase em termos de essa pessoa saber o que referem as palavras componentes. É uma perspectiva natural e apelativa. Na verdade, pode parecer obviamente correcta, pelo menos até ver. E seria muito difícil negar que a referência ou nomeação é a relação mais clara e familiar entre uma palavra e o mundo. Contudo, ao examiná-la, a teoria referencial enfrenta desde logo sérias objecções.

### OBJECÇÃO 1

Nem todas as palavras nomeiam ou denotam um objecto efectivo.

Primeiro, temos os *nomes* de itens inexistentes, como Pégaso ou o Coelhoinho da Páscoa. “Pégaso” não denota coisa alguma porque na realidade não existe qualquer cavalo alado que esse nome possa denotar. (Discutiremos no capítulo 3 estes nomes algo detidamente.) Ou considere-se pronomes de quantificação, como o seguinte:

- 5) Ninguém viu o João.

Seria uma piada gasta tomar “ninguém” como um nome e responder: “E onde é que ele o viu?” (Lewis Carroll: “Passaste por alguém na estrada?” [...] “Ninguém” [...] “Então é claro que ninguém caminha mais devagar do que tu.”<sup>1</sup> E o poema de e. e. cummings “anyone lived in a pretty how

<sup>1</sup> *Alice's Adventures in Wonderland and Through the Looking Glass* (Londres: Methuen, 1978), p. 180. [As Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Alice do Outro Lado do Espelho, trad. Margarida Vale de Gato. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.]

town”<sup>2</sup> faz pouco sentido até o leitor se aperceber que cummings está a suar perversamente expressões como “anyone” e “noone” como nomes de pessoas individuais.)

Segundo, considere-se uma frase simples sujeito-predicado:

6) O Raul é gordo.

Apesar de “Raul” poder nomear uma pessoa, o que nomeia ou denota “gordo”? Não é com certeza um indivíduo. Não denota com certeza o Raul; ao invés, descreve-o ou caracteriza-o (injustamente ou não).

Poderíamos sugerir que “gordo” denota algo abstracto; por exemplo, este e outros adjectivos poderiam referir *qualidades* de coisas (ou “propriedades,” “atributos,” “qualidades,” “características,” etc.). Poder-se-ia dizer que “gordo” nomeia a gordura em abstracto ou, como Platão diria, O Gordo em Si. Talvez seja isso que 6 diz: que o Raul tem ou exemplifica ou é um espécime da qualidade da gordura. Nessa interpretação, “é gordo” significaria “tem gordura.” Mas então, se tentarmos pensar no significado sujeito-predicado como uma questão de concatenar o nome de uma propriedade com o nome de um indivíduo usando a cópula “é,” precisaríamos de uma segunda entidade abstracta que o “é” representasse, digamos, a relação de “ter,” dado ser o indivíduo que tem a propriedade. Mas isso tornaria por sua vez 6 significar algo como “O Raul detém a relação de posse em relação à gordura,” de modo que precisaríamos de uma terceira entidade abstracta para relacionar a nova relação de “deter” com o indivíduo original mais a relação e a propriedade, e assim por diante — sem fim, para todo o sempre. (Foi Bradley 1930: 17-18 quem fez notar esta regressão infinita.)

Terceiro, há palavras que são gramaticalmente substantivos mas que intuitivamente não nomeiam nem coisas individuais nem tipos de coisas — nem sequer “coisas” inexistentes ou itens abstractos como qualidades. Quine (1960) dá os exemplos de “prol,” “bel” e “mor.”<sup>\*</sup> Por vezes fazemos algo em prol de algo ou a nosso bel-prazer, mas não como se um prol ou um bel fosse um tipo de objecto que se possa levar a passear na rua por uma trela. Ou faz-se algo por mor da liberdade; mas um mor não é uma coisa nem um tipo de coisa. (Nunca soube com certeza o que é um “imo” ou uma “súcia.”) Apesar de serem substantivos, palavras como estas certamente não são dotadas de significado por referirem tipos particulares de objectos. Parecem dotadas de significado apenas por mor de ocorrerem em construções mais longas. Por si, dificilmente se pode afirmar que signifiquem seja o que for, apesar de serem palavras, e até palavras *dotadas de significado*.

Quarto, muitas partes do discurso além dos substantivos não parecem sequer referir coisas de qualquer género ou de qualquer modo: “muito,” “de,” “e,” “o,” “um,” “sim” e, já agora, “hei” e “abrenúncio.” Contudo, claro que tais palavras são dotadas de significado e ocorrem em frases

<sup>2</sup> *Complete Poems, 1913-1962* (Nova Iorque: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1972).

<sup>\*</sup> “Sake,” “behalf” e “dint,” no original de Quine, foram adaptados como indicado na edição brasileira do seu *Palavra e Objeto* (trad. Sofia Stein e Desidério Murcho, Petrópolis: Vozes, 2009).

que qualquer falante competente de português compreende.

(Nem toda a gente está convencida de que a teoria referencial esteja assim tão decisivamente refutada, mesmo com respeito ao último grupo das palavras mais claramente irreferenciais. Na verdade, Richard Montague (1960) dedicou-se a construir uma teoria sofisticadíssima e muito técnica na qual mesmo a palavras como estas se atribui efectivamente referentes de um género muitíssimo abstracto, sendo essas palavras dotadas de significado, pelo menos em parte, por referirem o que supostamente referem. Teremos mais a dizer sobre o sistema de Montague no capítulo 10.)

### OBJECÇÃO 2

Segundo a teoria referencial, uma frase é uma lista de nomes. Mas uma mera lista de nomes não diz coisa alguma. A sequência

7) Frederico Marta Elísio Filipe

não pode ser usada para asserir seja o que for, mesmo que a Marta ou o Elísio seja uma entidade abstracta e não um objecto físico. Poder-se-ia supor que se o nome de um indivíduo for concatenado ao nome de uma qualidade, como em

8) O Raul gordura,

a sequência daí resultante teria um significado sujeito-predicado normal, afirmando que o Raul é gordo. (No início da sua carreira, Bertrand Russell sugeriu que, ao escrever uma lista de nomes dos géneros adequados de coisas e na ordem certa, formar-se-ia o nome colectivo de um *estado de coisas*.) Mas na verdade 8 é agramatical. Para lhe dar um significado sujeito-predicado normal seria necessário inserir um verbo,

9) O Raul {tem/exemplifica} gordura,

o que daria origem uma vez mais à regressão de Bradley.

### OBJECÇÃO 3

Como iremos ver e discutir nos próximos dois capítulos, há fenómenos linguísticos específicos que parecem mostrar haver mais aspectos quanto ao significado do que a referência. Em particular, os termos co-referenciais muitas vezes não são sinónimos isto é, dois termos podem partilhar o seu referente mas ter diferentes significados — como “Joseph Ratzinger” e “o Papa”, por exemplo.

Parece que devemos concluir que tem de haver pelo menos uma maneira de uma expressão ser dotada de significado que não em virtude de nomear algo, aplicando-se isto até possivelmente a algumas expressões que realmente nomeiam coisas. Há várias teorias do significado que vão além da teoria referencial, apesar de todas as teorias enfrentarem as suas próprias dificuldades. Veremos

algumas das teorias e respectivas dificuldades na Parte II. Primeiro, nos próximos três capítulos, examinaremos melhor a natureza da nomeação, referência e noções semelhantes, em parte porque a referência continua a ser importante em si, apesar das imperfeições da teoria referencial do significado, e em parte uma discussão da referência ajudar-nos-á a introduzir alguns conceitos que serão necessários para avaliar as teorias do significado.

## Sumário

- Algumas sequências de marcas ou ruídos são *frases dotadas de significado*.
- É um facto espantoso que qualquer pessoa normal consiga apreender instantaneamente até mesmo o significado de uma frase muito longa e nova.
- Cada frase dotada de significado tem partes que também são dotadas de significado.
- Apesar de ser inicialmente atraente, a teoria referencial do significado enfrenta objecções poderosas.

## Questões

1. Consegue pensar em objecções complementares à teoria referencial tal como foi formulada?
2. Serão as objecções 1 e 2 inteiramente justas, ou haverá réplicas plausíveis que o defensor da teoria referencial poderia apresentar?

## Leitura complementar

- Provavelmente o crítico mais persistente da teoria referencial é Wittgenstein (1953: Parte I). Uma ofensiva wittgensteiniana mais sistemática encontra-se em Waismann (1965<sup>a</sup>: cap. 8).
- Argumentos do género que subjazem à objecção 3 encontram-se em Frege (1892<sup>a</sup>) e (1892<sup>b</sup>).
- A regressão de Bradley é discutida por Wolterstorff (1970: cap. 4) e Loux (1998: cap. 1).